

## É possível construir relações amorosas sem violência?

Maria Cecília de Souza Minayo  
Simone Gonçalves de Assis  
Kathie Njaine  
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MINAYO, MCS., ASSIS, SG., and NJAINE, K., orgs. É possível construir relações amorosas sem violência? In: *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 183-205. ISBN: 978-85-7541-385-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## É POSSÍVEL CONSTRUIR RELAÇÕES AMOROSAS SEM VIOLÊNCIA?

*Maria Cecília de Souza Minayo*

*Simone Gonçalves de Assis*

*Kathie Njaine*

Neste livro, cada um dos capítulos trouxe suas próprias conclusões. Por isso, apenas as resumimos aqui, com o intuito de facilitar uma leitura sintética dos assuntos tratados.

A violência nas relações afetivas entre namorados é um problema grave, envolve vários fatores e provoca diversos efeitos negativos. A alta prevalência das agressões nas relações afetivo-sexuais entre os jovens está apresentada em vários capítulos deste livro, por meio de resultados que se coadunam e coincidem com diversos estudos internacionais. Embora existam diferenças sociais em muitos aspectos das relações violentas entre jovens das classes médias e das classes populares, entre meninos e meninas, entre os que frequentam escolas públicas e particulares, o fenômeno perpassa todos os grupos e segmentos e se entranha neles. E um dos efeitos mais deletérios apontados por este e outros estudos é que a violência praticada nas relações de namoro é preditiva da ocorrência de violência conjugal.

Ressaltamos que a violência nas relações de namoro ou do ‘ficar’ deve ser compreendida no contexto da violência social, tendo em vista os aspectos históricos e sociais, sobretudo os referentes às relações de gênero. Ao longo do livro, fica claro o quanto a violência entre jovens namorados está atravessada por questões culturais que envolvem, em permanente tensão, a produção e a reprodução de modelos e de modos de ser e de estar no mundo.

As questões de gênero são marcadas por polaridades que tendem a enquadrar o certo e o errado ou o masculino e o feminino como categorias essencialistas ou naturais. Papel fundamental nessa história tem a educação familiar e escolar, além, é óbvio, do ambiente cultural. Constatamos que as diferenças entre homens e mulheres continuam, ainda no século XXI, a reproduzir papéis estereotipados para cada gênero, com rapazes e moças educados para se comportarem de maneira diferente no exercício da sexualidade e na expressão de sentimentos. Mas observamos também que os jovens de hoje, ao mesmo tempo que repetem e reproduzem alguns modelos tradicionais e conservadores,

recriam novas formas e novos meios de se relacionar. Nesse sentido, o ‘ficar’ e a Internet representam o novo. Em outras palavras, este estudo nos leva a concluir que as relações amorosas contemporâneas são mais provisórias, temporárias e contingentes, mas também evidenciam a força da reprodução de padrões afetivo-sexuais tradicionais. Não existe uma linearidade temporal entre amor-paixão, amor-romântico e amor-confluyente, tipologias desenvolvidas por Giddens (2004) e citadas oportunamente neste livro.

Também recordamos que o afeto e a sexualidade são dimensões humanas que envolvem gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução, experiências que são vivenciadas em fantasias, pensamentos, desejos, crenças, atitudes, valores, práticas, papéis e relacionamentos. Continua a existir, principalmente entre as meninas, a ideia do ‘amor romântico’. Meninos também são românticos, mas eles encontram muito pouco espaço para expressão de sentimentos e de sua sensibilidade. A expectativa de se relacionar por amor e de ser correspondido, por parte tanto dos rapazes como das moças, continua sendo motivo de muito sofrimento, quando não há correspondência, e provocando, sobretudo entre as mulheres, momentos de depressão e até de ideação ou tentativas de suicídio.

Quanto à persistência do passado sobre o presente, constatamos que o machismo continua forte e vigente, constituindo-se como um (anti)valor de longa duração. As violências mais graves são cometidas por homens, sobretudo quando se sentem preteridos ou traídos, mesmo nas relações de namoro, mantendo-se uma visão arcaica da mulher como posse e objeto do poder masculino. No entanto, existem mudanças provocadas particularmente pelas mulheres, que se colocam numa condição de parceiras capazes de questionar e de propor novas modalidades de relacionamento. Muitas delas também adotam a violência física e psicológica como argumentos relacionais com seus namorados, repetindo o que era considerado um comportamento essencialmente masculino. Este último ponto, que já vinha sendo observado em pesquisas internacionais e nacionais, foi constatado na pesquisa que dá origem a este livro, mostrando que elas – proporcionalmente e sem considerar a gravidade do ato – agredem tanto quanto os rapazes. Em geral, o ciúme é o combustível das mútuas agressões.

Esta pesquisa mostrou também que estão naturalizadas no país, de norte a sul, as relações sexuais antes do casamento – fato que, em geral, ocorre predominantemente, mas não exclusivamente, por insistência dos rapazes e com o consentimento das meninas. Os meninos fazem uso de estratégias românticas para transar com suas parceiras, com argumento de que isso seria uma prova de amor. E muitas meninas, em tais circunstâncias, reproduzem valores de subjugação. Mas um número não desprezível delas toma a iniciativa e testa os garotos na sua sexualidade, às vezes humilhando os que não querem transar com elas. A pressão para transar costuma acontecer já no ‘ficar’ em alguns casos e se torna comum na situação de namoro que representa, para os jovens de hoje, um compromisso bastante forte, embora informal. Resultante dessa permissividade para a experimentação sexual – com pouco mais da metade dos jovens usando camisinha em todas as relações,

como constatamos – é o número de meninos e meninas de 15 a 19 anos que já são pais e mães. O fato de que poucos rapazes-pais vivam com as mães de seus filhos ressalta a precocidade de suas decisões sobre relações sexuais, paternidade e maternidade.

Concluimos também que as violências físicas, sexuais e psicológicas vivenciadas ou praticadas pelos jovens, frequentemente, ocorrem simultaneamente, indicando a necessidade de termos sempre em mente que não há características únicas e simplificadas que identifiquem uma pessoa como vítima ou agressora. Há, ao contrário, uma constante interseção de papéis entre vítimas e perpetradores, por parte tanto dos rapazes como das moças. No entanto, conceber que jovens de ambos os sexos, ao interagirem na relação afetiva, atuam de forma violenta não significa diminuir a importância da subordinação feminina, como já foi dito. A violência contra a mulher no ambiente privado – incluindo-se os feminicídios – encontra-se entre as violações de direitos humanos mais comuns e entre os problemas sociais mais relevantes e com maiores repercussões sobre a saúde desse grupo social, o que afeta toda a família.

Ressaltamos que a socialização dos jovens em um ambiente comunitário e familiar violento tem o potencial de torná-los mais vulneráveis a cometer agressões contra seus parceiros afetivo-sexuais e a adotar a violência como uma forma de comunicação, inclusive com o parceiro afetivo. Para muitos, a base da violência relacional que praticam foi estruturada e organizada na infância e ativada e potencializada na adolescência.

Para jovens expostos a importantes fatores de risco culturais, familiares e individuais, existe quase uma ausência de fatores de proteção. No entanto, se a vivência da violência em diferentes contextos está associada a formas conflituosas e abusivas de relação afetivo-sexual, estas não são necessariamente responsáveis por elas. Há alguns fatores de risco específicos, como participar de grupos de amigos conflituosos, viver sob disciplina muito rígida e ríspida dos pais e certas características pessoais que são cruciais e podem também afetar o comportamento do jovem.

Apontamos ainda que o maior obstáculo para se transformar relações interpessoais violentas em relações mais dialógicas é a naturalização das diversas formas de abuso por parte dos jovens e dos adultos que os cercam. Grande parte dos rapazes e moças considera normal a agressão verbal ou física na resolução de seus conflitos amorosos. Romper com tais práticas e representações implica o questionamento e a constante reflexão sobre certos modelos de existência instituídos no campo social. Dentre outros desafios, é importante questionar a associação mecânica de características tidas como universais ao ‘ser homem’ e ao ‘ser mulher’, bem como criticar a desqualificação de um gênero em prol da valorização de outro. A crítica sobre a reificação e a inflexibilidade de papéis sexuais socialmente construídos que dá lugar à compreensão das masculinidades e das feminilidades, no plural, contribui para mudanças importantes no repertório cultural de gênero. Assim, uma das grandes permanências de estereótipos que encontramos na pesquisa é o preconceito contra os meninos e as meninas homossexuais. Essa forma de discriminação fortemente arraigada nas expressões e nos comportamentos dos jovens já havia sido detectada por nós em

outros estudos e constitui uma fonte de *bullying* entre colegas e de grande sofrimento para os que não seguem o padrão relacional-afetivo tradicional.

Enfim, as várias formas de violência que ocorrem na socialização dos rapazes e moças no âmbito familiar, comunitário e escolar contribuem para criar combinações potenciais de relacionamentos afetivo-sexuais abusivos. Dentre as circunstâncias predisponentes, ressaltamos também as características individuais dos jovens violentos. A agressividade, a impulsividade não contida e os problemas de baixa autoestima interagem dinamicamente com o ambiente, induzindo a comportamentos antissociais. Os meninos e as meninas com problemas de controle da agressividade encontram dificuldades para modelar suas emoções e têm tendência para atribuir aos outros as causas de seus problemas e insucessos. Encontramos associação entre pouca flexibilidade e dificuldade nos relacionamentos e sentimentos de abandono e de sofrimento causados por problemas de violência sofridos na infância. Sobre os efeitos negativos da violência no namoro, diversos estudos realizados com adolescentes e jovens adultos descrevem uma enorme gama de danos pessoais, dentre os quais a baixa autoestima, o aumento da autculpabilização e a vivência de sentimentos de raiva, de dor e de ansiedade.

Concordamos que existe uma identidade que ultrapassa regiões e classes sociais, ao observarmos a similaridade nos comportamentos dos jovens das dez capitais brasileiras no que se refere a temas como sexualidade e violência nas relações afetivo-sexuais, familiares e comunitárias. A condição juvenil no século XXI e o contexto social apresentado no capítulo 1 deste livro apontam como se constrói na sociedade brasileira um sentido comum que hegemoniza uma forma de viver, permitindo, entretanto, a coexistência de especificidades locais – específicas e circunstanciais. Assim, também são observadas diferenças entre cidades, inclusive dentro de uma mesma região. Por exemplo, Manaus é a cidade com maior frequência de violência nas relações afetivo-sexuais, familiares e comunitárias e em que constatamos mais comportamentos sexuais de risco, quando comparada a Porto Velho – que pertence à mesma região – e às várias cidades das demais regiões.

Há também muitas similaridades entre os jovens que estudam nas redes de ensino pública e privada. E algumas diferenças observadas coincidem com práticas culturais das classes sociais a que pertencem, como o menor uso de preservativos, a maior incidência de gravidez e de abortos entre os jovens das classes populares, por exemplo. Portanto, nas relações afetivo-sexuais, familiares e comunitárias, chamam a atenção mais as semelhanças do que eventuais aspectos divergentes. Ante os poucos estudos existentes em âmbito nacional e as diferentes metodologias e abrangências de locais e de amostras, não é possível ter uma visão global única.

Por fim, detemo-nos em algumas propostas de apoio e de prevenção. A capacidade de superação de experiências de violência, sobretudo ajudada pelas redes sociais de apoio, é um fator de proteção importante para o desenvolvimento dos jovens. A resiliência na adolescência vem de características temperamentais e do fortalecimento do

sistema básico de proteção oferecido pelo ambiente social ao indivíduo. Especialmente nessa etapa da vida, a superação de adversidades ocorre por meio de relacionamentos construtivos dentro e fora da família e da comunidade. Portanto, a combinação positiva entre o estímulo ambiental e os recursos pessoais é capaz de propiciar a interrupção do ciclo da violência em que muitos jovens cresceram e vivem.

Tendo em vista que a violência de gênero tende a se repetir entre as novas gerações, é fundamental atuar para se quebrar esse ciclo perverso. Porém, nosso estudo evidencia que os jovens envolvidos em violência afetivo-sexual, como vítimas ou perpetradores, não costumam buscar ajuda profissional. Dentre os motivos para esse comportamento, estão: o estigma associado à busca de ajuda legal, física ou psicológica para problemas pessoais; a preocupação dos jovens com a privacidade e a proteção de suas relações afetivas; o apeço a sua autossuficiência e a falta de informação para avaliar a qualidade dos seus relacionamentos afetivos. Diante de tais circunstâncias, a adoção de medidas de intervenção que auxiliem na identificação precoce do problema é extremamente importante.

Vários estudos internacionais vêm apontando uma relação positiva entre a atenção dispensada aos pais violentos para que mudem seus métodos de educação e a redução de comportamentos violentos em adolescentes. A incomunicabilidade com os pais em geral e com as situações de violência em particular é um dos aspectos mais negativos de vivência da sexualidade pelos jovens. Portanto, é muito importante investir nas famílias que os abrigam e educam. Mas, para que isso se concretize, há necessidade de capacitação de profissionais de saúde e de educadores que estejam atentos às formas agressivas de relacionamento na violência intrafamiliar e às suas raízes e consequências nas relações de gênero entre os jovens. Os programas de formação dos profissionais e de intervenção precisam levar em consideração as diferenças de gênero, de classe, de pluralidade de opção sexual e estar atentos para a coocorrência de violência física, sexual e psicológica, já que a tendência dos profissionais é dar atenção apenas às agressões físicas.

Diversas iniciativas em prevenção da violência no namoro vêm sendo desenvolvidas e avaliadas em países como Estados Unidos e Canadá, onde o tema já faz parte do debate social e científico há algumas décadas. O objetivo principal e comum de todos os programas é diminuir a probabilidade de os participantes se tornarem, no futuro, potenciais perpetradores de violência conjugal. Assim, a maior parte das intervenções ocorre no âmbito da atenção primária e nas escolas e têm foco na promoção de fatores protetores, na capacidade de solução de conflitos de formas não violentas, no fortalecimento de competências sociais e no enfrentamento das dificuldades da vida. Muitas iniciativas de prevenção também são feitas em colaboração com os meios de comunicação, tendo em vista a importância da mídia nessa faixa etária.

O êxito das propostas geralmente é avaliado quanto a sua competência para modificar dimensões cognitivas ligadas a comportamentos violentos. No entanto, as práticas pedagógicas voltadas à prevenção têm alguns pressupostos e limites, principalmente

porque os indivíduos em situações de elevado risco para sofrer ou cometer violências são os que menos procuram programas de prevenção.

No caso brasileiro, o desafio continua sendo o de criar políticas e programas intersetoriais que integrem os jovens, suas famílias, as escolas e os profissionais de saúde e interajam com eles, para que juntos construam uma sociedade menos permeada pela consentida violência na vida privada, pois a violência social em geral se alimenta dessa fonte e também potencializa a cronificação dos conflitos e maus-tratos no âmbito das relações afetivas.

Com relação aos conhecimentos publicados neste livro e à disposição da comunidade, entendemos que hoje já não se pode parar apenas em uma investigação, por mais estratégica que ela seja. De um lado, há muitos temas que precisam ser mais aprofundados em pesquisas; de outro, a realidade dos jovens clama por uma atuação mais concreta e direta nas escolas, nos serviços de saúde e nas comunidades, para a qual este trabalho pode contribuir.